

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Kouipó/Raoni 367

Data: 22/01/86 Pg.: _____

Brasília / Foto de Luciano Andrade



O presidente Sarney tem esperança de que a receita do cacique Raoni cure o cientista Augusto Ruschi

Cacique sonha com Ruschi e vê um presságio de cura

Brasília — O cientista Augusto Ruschi, envenenado por um sapo da espécie dendrobata da selva amazônica, apareceu num sonho do cacique Raoni, debatendo-se numa lagoa cheia de sapos. “Ele já virou sapo, mas esse sonho pode ser um bom presságio, pode significar que ele ainda pode escapar da lagoa e viver na terra como gente normal”, disse o cacique dos txucarramães ao Presidente José Sarney. O presidente disse que deposita sua confiança nessa última esperança para salvar o cientista.

Numa audiência de 20 minutos com o Presidente da República, usando roupa surrada, um cocar de cerimônia e sandálias velhas (um acessório proibido no palácio até o governo passado), o cacique contou a um atento Sarney qual a terapia que vai aplicar no cientista, deixando transparecer que esse tratamento incluirá suas alucinações provocadas por ervas. O encontro de Ruschi com Raoni será hoje no Rio, no parque Laje.

— Eu vou fumar muito e sonhar. É o sonho que vai indicar onde é a doença do cientista. Ele também vai ficar entregue aos espíritos do meu sonho. Eu vou sair do meu corpo, pegar a raiz atorokon, bater e pôr na água quente. Depois, bato a raiz no cientista e pingo no olho.

— Eu tenho muito respeito pelo que o senhor está me dizendo e tenho também um carinho muito especial pelo senhor” — disse Sarney ao cacique no final da audiência. De mãos pintadas de preto — um ritual próprio da festa do milho, atualmente comemorada pela sua tribo — Raoni apertou a mão de Sarney e saiu dizendo que esta época é muito boa para a cura. “É pena que o cientista só tenha contado agora que está morrendo e virando sapo; se tivesse contado antes, já estaria salvo.”

Ao lado do Ministro do Interior, o cacique deu entrevista aos jornalistas no mezanino do Palácio do Planalto, ocasião em que contou que a terapia contra venenos de animais peçonhentos foi herdada dos seus avós. “Salvei um menino que já não escutava nem falava mais. Ele estava envenenado como esse cientista. O tratamento dura uma hora e meia”, informou o cacique, acrescentando que em sua própria família já houve um caso

de envenenamento não curado. “Meu irmão morreu envenenado porque minha mãe não procurou o pajé.”

O grito no mezanino

Com a fala quase inaudível, por causa do pedaço de madeira que usa no lábio inferior, o cacique afastou ainda qualquer hipótese de a raiz atorokon ser um dia industrializada pela tecnologia química dos brancos. “A raiz não pode vender para o branco. Os brancos já têm os remédios deles.” Afastado de seu habitat há muitos dias, conforme revelou mais tarde o Ministro do Interior, Raoni não conseguiu dissimular seu mal-estar com o meio branco propiciado pelo Palácio do Planalto.

Ansioso para ir embora, o cacique txucarramãe soltou, no amplo mezanino de mármore branco do Palácio do Planalto, um grito primal que lembrou o Tarzan dos filmes antigos. O grito do cacique assustou todo mundo e deixou o ministro subitamente enrubescido e com pressa de ir embora. “É, o Raoni está nervoso”, desculpou-se o ministro, ao deixar o palácio com o cacique.

No final da tarde, desembarcou em Brasília o pajé Sapain. O outro pajé, que iria com Sapain e Raoni para o encontro de hoje no Parque Lage, no Rio, com o cientista Augusto Ruschi, ficou doente na última hora e suspendeu a viagem. Mas, se for necessário, segundo o cacique Raoni, que também é pajé, virão até 10 pajés para ver Ruschi.

Muitas dores

Desde que começou a alimentação macrobiótica, ontem foi o pior dia do cientista Augusto Ruschi, em Santa Teresa, no Espírito Santo. Ele voltou a sentir as dores intensas que o atormentam desde quando o veneno do sapo da espécie dendrobata, que ele apanhou na Serra do Navio, Amapá, atingiu seu fígado.

Por causa das dores, Ruschi passou grande parte do dia numa poltrona da biblioteca do Museu Mello Leitão, ligada à sua residência em Santa Teresa. Apesar das dores, ele viaja hoje para o Rio, onde vai se encontrar com os pajés do Alto Xingu.